

V ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA
23 A 25 DE JULHO DE 2017
GT06 - O ENSINO DE SOCIOLOGIA NAS ESCOLAS TÉCNICAS NO BRASIL

SOCIOLOGIA, ENSINO DE CIÊNCIAS E INICIAÇÃO CIENTÍFICA

VANESSA MUTTI DE CARVALHO MIRANDA - IFBA

SOCIOLOGIA, ENSINO DE CIÊNCIAS E INICIAÇÃO CIENTÍFICA
GT06 - O ENSINO DE SOCIOLOGIA NAS ESCOLAS TÉCNICAS NO BRASIL

Vanessa Mutti de Carvalho Miranda – IFBA
Vanessa.mutti@ifba.edu.br

Resumo

O presente artigo propõe o ensino das ciências e a iniciação científica como temática balizadora e introdutória para o contato inicial do estudante ingresso no ensino médio através da disciplina Sociologia. Diante das práticas cotidianas em sala de aula tem sido possível perceber dois fenômenos. O fato de que existe por parte do corpo docente uma visão equivocada e menosprezadora da elaboração da pesquisa científica na escolha às fontes científicas e na execução, em que, geralmente, utilizam o conhecido know-how de “copiar e colar”. E a crença equivocada de que a ciência é um conhecimento inalcançável e restrito a determinados grupos, personificados por pessoas de guarda-pós brancos e intelectuais barbudos. Por outro lado, as exigências propostas pelas Diretrizes Curriculares e PCNs preconizam a pesquisa como princípio pedagógico que possibilita o estudante torna-se protagonista na investigação e na busca de respostas em um processo autônomo de construção e reconstrução de conhecimentos. Sendo assim, considerando as exigências e os fenômenos reproduzidos nas salas de aula, a proposta desse trabalho é fundamentar sobre o imprescindível fio sociológico que permite ao estudante conhecer e compreender os matizes sociais, culturais e políticas que originam o lugar diferenciado para as ciências. Além de Compreender e problematizar a respeito do contexto histórico-social que é gerador, e ao mesmo tempo, fomentador das demandas assumidas pelo fazer científico.

Palavras-chaves: iniciação científica, ensino de ciência, educação profissional, pesquisa, educação básica.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho é fruto de reflexões acerca do ensino de sociologia no ensino médio e técnico. Diante das leituras de textos e pesquisas que revisam o retorno da disciplina sociologia ao currículo da educação básica - por meio do Parecer CNE/CB nº 38 de 2006 e pela lei nº 11.684 de 2008 -, e da prática cotidiana em sala de aula, esse trabalho vem propor o ensino das ciências¹ e a iniciação científica como temática balizadora e introdutória para o contato inicial do estudante ingresso na educação profissional técnica de nível médio. Entretanto, dois fenômenos se revelam evidentes: o fato de existir, por parte do corpo discente, uma visão equivocada e menosprezadora da elaboração da pesquisa escolar, e o distanciamento entre a ciência e as atividades curriculares. Além disso, há a crença de a ciência ser algo inalcançável e restrito a determinados grupos, personificados por pessoas de guarda-pós brancos e intelectuais barbudos.

O fácil acesso às fontes de internet – por smartphones, notebooks, computadores dos laboratórios escolares e outros dispositivos eletrônicos, tem criado um *know-how* para execução das atividades que necessitam de pesquisa estudantil: a conhecida tarefa de “copiar e colar”. Outro fato percebido se refere às fontes pesquisadas, que geralmente não são fontes referenciadas nem científicas. Os estudantes optam por sítios de atividades escolares, *wikis* e blogs, que reproduzem conteúdos e recortes teóricos de outros sítios sem menção científica ou acadêmica. A transcrição também se revela de forma assistemática, sem a consideração das regras acadêmicas e metodológicas.

Diante do exposto, a proposta tomou corpo e virou realidade numa turma de primeiro ano do curso integrado de Eletromecânica, como será detalhado nos capítulos seguintes.

Adoto como pressuposto sociológico o viés giddesiano (2005, p. 27), que, numa perspectiva da mudança social, contextualiza o surgimento da sociologia vinculado à emergência da sociedade capitalista industrializada, endossando que a disciplina sociologia deva orientar os sujeitos estudantes através de três

¹ O ensino de ciência nesse trabalho assume a perspectiva de ‘alfabetização científica’, como atividade e prática investigativa que perpassa todos os níveis de escolarização. O fazer científico envolve a produção e utilização da Ciência na vida do homem, provocando mudanças revolucionárias não só no conhecimento acumulado da Ciência, mas adotando dimensões na democracia, no desenvolvimento social e nas necessidades de adaptação do ser humano.

principais aspectos: a) a desenvolver a consciência das diferenças culturais, tendo em vista que ela nos possibilita ver o mundo a partir de outros pontos de vista que não o nosso exclusivamente; b) a avaliar os efeitos das políticas, já que a pesquisa sociológica nos fornece elemento para a avaliação de iniciativas políticas; c) expandir o auto esclarecimento, uma vez que “quanto mais sabemos por que agimos como agimos e como se dá o completo funcionamento de nossa sociedade, provavelmente seremos mais capazes de influenciar nossos próprios futuros”.

Giddens (2005, p. 24) relembra a famosa frase de Mills (1970), ao asseverar a importância de se devolver, através da prática docente, a “imaginação sociológica” como exercício de um novo olhar para a sociedade, permitindo ir além das experiências e observações subjetivas para compreender os fatos e fenômenos sociais.

Mas como despertar no sujeito estudante a imaginação sociológica? Como demonstrar que o conhecimento, ou mesmo a escola, permite uma maior percepção do mundo em que vivemos? Como demonstrar que todas as relações sociais implicam em alguma forma de poder e dominação?

A tarefa de despertar no corpo discente o olhar necessário para descortinar os fenômenos aparentes e naturalizados pelas leis e hábitos culturais segue carona na tarefa de compreender como a sociedade (re)nasceu para os novos padrões estéticos, culturais e legais do Renascimento e da Revolução Iluminista, significados pelos padrões vindouros das ciências – naturais, exatas e sociais.

ONDE E COMO SURTIU A PROPOSTA

A proposta de metodologia surgiu no *campus* Jequié. Portanto, faz-se necessário apresentar algumas características do município. Jequié está localizada no sudoeste do Estado da Bahia, na região do Médio Rio de Contas, há 360 km de Salvador, contando com uma extensão territorial de 3.227,343 km² e população de 151.895 habitantes (IBGE, 2014).

Como a maioria dos municípios baianos, originou-se da divisão de fazendas e sesmarias demarcadas durante a colonização, e foi palco de um sangrento processo de genocídio e expulsão dos povos indígenas. Portanto, o nascimento da cidade está relacionado ao ambiente rural e à distinção em raças e classes,

reproduzindo o modelo de família portuguesa no ambiente colonial nacional, tendo, conseqüentemente, como características, o viés patriarcal e tendências conservadoras, estando presentes nas grandes unidades agrárias de produção, grandes fazendas e nos engenhos de açúcar.

Apesar da emancipação tardia, em 1910, a cidade já fora uma das maiores economias do Estado, destacando-se na atividade pecuária, além de agricultura diversificada - com destaque para o cultivo e beneficiamento do fumo -, e um próspero comércio. Entre as décadas de 30 e 40, com o desenvolvimento das ferrovias, a cidade perdeu a hegemonia da região e sofreu um processo de estagnação econômica.

Atualmente, as atividades econômicas do município são distribuídas entre serviços, comércio, indústria e agropecuária. O município possui Produto Interno Bruto (PIB) per capita a preços correntes de R\$ 12.114, 90 - sendo o 43º do Estado -, Coeficiente de Gini de 0,49 e Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de 0,665 (IBGE, 2014).

Na segunda fase do Plano de Extensão da Rede Federal de Educação Tecnológica, foi inaugurado o *Campus* Jequié do Instituto Federal do Estado da Bahia, com a oferta de 4 cursos: Curso Técnico Integrado de Eletromecânica, Curso Técnico Integrado de Informática, Curso Subsequente de Eletromecânica e Curso Subsequente de Informática. Atualmente, o *campus* conta com cerca de 500 estudantes e mais de 80 profissionais entre técnicos e docentes.

A proposta de introduzir o ensino de ciências como um fio sociológico surgiu no exercício da docência nos Cursos Técnicos Integrados de Informática e de Eletromecânica no *campus* Jequié, durante os três primeiros anos de experiência no campus. O ensino tradicional dos clássicos nem sempre agradou ou aguçou a curiosidade discente, diante dessa percepção e do reconhecimento da ciência não como um paradigma enciclopédico, mas como preconiza Morin (2015), que, ao falar sobre uma (re)significação para a educação contemporânea, faz alusão ao contexto iluminista, no qual o conhecimento era constituído pelos saberes de várias áreas - como matemática, artes, física, filosofia, dentre outras -, em oposição ao conhecimento compartimentado e especializado necessário à revolução industrial, arauto do capitalismo.

A jornada acadêmica dos cursos técnicos integrados nos Institutos Federais de Ciência Tecnologia e Educação da Bahia é de 4 anos, sendo no primeiro ano o

primeiro contato acadêmico com a disciplina Sociologia, que é ofertada em todos os anos do quadriênio letivo, conforme preconiza a LDB (Brasil, 2008).

Sendo assim, as propostas do MEC, bem como as exigências da legislação, indicam que os estudantes sejam inseridos na tríade ensino, pesquisa e extensão ainda na educação básica.

Conforme dito acima, sendo no primeiro ano do ensino médio e técnico o primeiro contato de muitos estudantes com a teoria sociológica, pode perceber, na prática em sala de aula, como a iniciação científica e o ensino da história da ciência se complementam simbioticamente: tanto para iniciar o estudante nas normas científicas, como para que ele compreenda a busca de padronização própria da ciência. Ao retomar, numa perspectiva histórica, o surgimento dos padrões e rigores científicos, foi possível descortinar o surgimento do pensamento sociológico e científico.

SOCIOLOGIA, O ENSINO DE CIÊNCIA E INICIAÇÃO CIENTÍFICA

A contemporaneidade compreende ciência como um conjunto de conhecimentos racionais, que, através de padrões validados, empreende busca permanente por explicações, descobertas e soluções para demandas diversas, assim como também reavalia e reinterpreta resultados já descritos, tendo, entretanto, clara consciência de seus limites e falhas.

Lira-da-Silva e Smania-Marques (2005, p.12) relembram que, durante o processo de hominização, uma curiosa mutação genética forneceu a inteligência ao homem, sendo o *Homo Sapiens Sapiens* herdeiro dessa faceta responsável pela memória e pela educação. Não tivesse havido a referida mutação, estaríamos fadados à extinção, como tantas outras espécies. O aumento da complexidade social e biológica foi consequência das tentativas de vida em grupo, através da sociabilidade, em busca de segurança e sobrevivência. O conhecimento, a resolução de problemas, e o comportamento solidário foram características essenciais para sobrevivência. Assim, as autoras ratificam que a ciência e o conhecimento são aptidões humanas, sobretudo quando concebemos o ser humano como ser em busca da plena realização.

OS PRIMEIROS CONTATOS

A aula inaugural de sociologia teve espaço para breves apresentações. Além do primeiro nome, os estudantes falaram sobre as expectativas acadêmicas. Como não poderia deixar de acontecer, surgiram perguntas sobre a disciplina: “o que é sociologia?”; “O que vamos estudar em sociologia?” Sanada a curiosidade inicial, a aula assumiu paradigmas científicos.

Foi preciso explicar que as ciências sociais eram compostas pelas seguintes três ciências: a sociologia, a política e a antropologia. Da mesma forma, foi preciso dimensioná-las. Aproveitando a curiosidade natural sobre nossa origem e sobre nosso passado, utilizei uma apresentação em slides com imagens e fotos de achados antropológicos, mostrando que a perícia paleontológica tem sido responsável pelo estudo e esclarecimento do processo de hominização, mapeando desde o aparecimento dos primeiros homens das cavernas até seu posterior desenvolvimento biológico e social que fez o homem contemporâneo ser chamado de *Homo Sapiens Sapiens*. Essa introdução serviu para garantir atenção e aguçar ainda mais a curiosidade dos estudantes.

Instrumentos de pesquisa e medição, teste do carbono 14, teoria criacionista x evolucionista, “o elo perdido” e pesquisa de campo foram alguns temas que surgiram e foram discutidos de forma entusiástica.

Assim, de maneira discursiva, a ciência antropologia, fundada em pilares metodológicos e rígidos pressupostos teóricos, passou a ser objeto de curiosidade dos estudantes. O passo seguinte seria transformar em objeto de estudo e de conhecimento.

Na aula seguinte, assistimos a um vídeo da Universidade de Guarulhos sobre a atividade da paleontologia, que conta com a participação da paleontóloga e professora Dr.^a Maria Judite Garcia. O vídeo fala sobre alguns paradigmas científicos da paleontologia e da prática paleontológica. Logo em seguida, apresentei um artigo de reportagem. O texto falava de uma recém-descoberta antropológica. Tratava-se de fósseis de homínídeos que viveram há 4,4 milhões de anos, o que comprovaria ser o mais antigo ancestral da espécie humana, questionando a teoria evolucionista. Ao término das duas atividades, a classe inicia a discussão. Aos poucos, os estudantes vão percebendo e criando argumentos para comprovar as diferenças entre os dois textos: o científico e o jornalístico.

Relatam que a ciência busca padrões e critérios na busca da verdade, mas percebe que a veiculação de informações em mídias comuns, como reportagens, tem o interesse de informar, mas já se posiciona contra ou a favor de uma teoria.

O objetivo da aula foi mostrar que a ciência segue critérios e padrões científicos. No caso da ciência paleontológica, os achados e os instrumentos utilizados na prática científica são escolhidos a partir de rigorosos padrões para se chegar ao objeto de estudo: o fóssil. A partir de então, a pesquisa é orientada pela razão do cientista e por paradigmas científicos.

O terceiro encontro aconteceu no laboratório de informática. Os estudantes foram orientados a responder um breve questionário sobre eles e sobre a rotina escolar, conforme anexo A.

No quarto encontro, o questionário havia se convertido em gráficos que revelaram o perfil estudantil. Em slides mapeamos a identidade da turma: percentual de gênero, quantos tinham pais separados, quantos tiveram que mudar da cidade em que viviam para uma nova cidade por causa da aprovação no instituto, quantos tinham smartphone e acesso à internet, e uma série de outros dados.

Diante dos dados, muitas hipóteses foram levantadas e discutidas pelos estudantes. A predominância de rapazes matriculados no curso técnico de Eletromecânica, por exemplo, por se historicamente uma área de atuação de homens, foi levantada. Então, modulamos um problema: “o que estaria incentivando meninas a se inscreverem num curso técnico em que o mercado de trabalho ainda é tão machista”?

Durante a aula, apresentando as etapas de uma pesquisa científica, foi possível diferenciar dados qualitativos e quantitativos. Em relação aos marcadores de gênero, os dados quantitativos revelam a predominância de estudantes do sexo masculino, mais os dados não eram suficientes para explicar as motivações que influenciaram o percentual de 25% das meninas matriculadas no curso técnico de Eletromecânica. Para compreender as motivações individuais, logo a turma sugeriu colhermos dados qualitativos, como entrevistas.

As duas aulas seguintes versaram sobre o contexto histórico do Renascimento. O material utilizado foi o livro didático, slides com imagens de obras de arte do período renascentista, e discussões. O objetivo era perceber as mudanças culturais que lideraram as avalanches de mudanças que refletiam nas arrumações sociais, econômicas e política daquele período histórico.

Munidas desse conhecimento, as turmas foram orientadas a produzir, em equipes, vídeos de 6 a 8 minutos sobre o Renascimento em diferentes sociedades. O resultado foi a produção de vídeos, com imagens de obras de arte, obras literárias, filosóficas, pinturas, esculturas, arquiteturas, cientistas e outros ícones da revolução cultural de cada contexto histórico. Foram orientados a buscar sítios de universidades, museus, artigos científicos e livros que versavam sobre a temática.

Durante as apresentações, foi possível perceber o conhecimento acumulado sobre o surgimento da razão científica, orientando e modificando padrões seculares.

A iniciação científica ficou a cargo do trabalho escrito sobre o Renascimento no contexto histórico predefinido para cada equipe. Houve exigência no que diz respeito às fontes de pesquisa: as equipes deveriam pesquisar fontes científicas e escolares - livros e sítios -, e a formatação seguiu conforme um manual e orientações dadas em turno oposto.

A LEGISLAÇÃO E ORIENTAÇÕES INSTITUCIONAIS

Desde 2008, a lei 11.892 instituiu a Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica, e transformou os Centros Federais de Educação Tecnológica em Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. O objetivo foi transformá-los em instituições pluricurriculares e multicampi, constituindo-os “centro[s] de excelência na oferta do ensino de ciências, em geral, e de ciências aplicadas, em particular, estimulando o desenvolvimento do espírito crítico, voltado à investigação empírica” (PPI, 2013).

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica recomendam que a pesquisa seja despertada já na educação básica, contribuindo para que o sujeito possa formular questões de investigação e buscar respostas em um processo autônomo de construção de conhecimento. Para isto, é imprescindível o estímulo constante pela prática da pesquisa escolar motivada e orientada pelos professores, de forma que se estabeleça uma rotina de construção de conhecimento que perpassa: a identificação de um problema, a seleção de informações de fontes confiáveis, além da interpretação das informações e

consequentes organização e elaboração de relato sobre o conhecimento adquirido (BRASIL, 2013, p.164).

No ensino médio e técnico, a pesquisa, como princípio pedagógico, deve permitir que o estudante seja protagonista na investigação e na busca de respostas em um processo autônomo de (re)construção de conhecimentos. (BRASIL, 2013, p.197)

Os PCNEMs também trazem a pesquisa como princípio pedagógico. Especificamente para as Ciências Humanas e Suas Tecnologias, os PCNEMs indicam que o fazer científico está presente na análise de elaborações intelectuais e na produção de dados sobre a sociedade (BRASIL, s.d., p. 25). Indicam também que as ações e elaborações intelectuais humanas são constituídas no interior das relações sociais, as quais reproduzem matizes de similaridade e/ou igualdade e/ou subordinação entre diferentes indivíduos, tanto em termos propriamente individuais quanto coletivos, sendo necessário desenvolver, no estudante, a percepção científica e objetiva para compreender os panos de fundo que velam conflitos de interesses e variadas formas de persuasão e convencimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciar o ensino de ciências e a iniciação científica através da sociologia me revelou algumas considerações bastante positivas. Faço a ressalva de que os impactos dessa metodologia atingiram um alto percentual das turmas de primeiro ano dos cursos técnico integrado de Informática e de Eletromecânica.

O primeiro aspecto que evidencio é o fato da metodologia ter permitido a fluidez nas discussões. Responsabiliza-los como coparticipantes da reflexão sociológica e experimentação científica se revelou um verdadeiro rito de passagem: transformaram-se observadores atentos da realidade, como cientistas. Os ambientes sociais foram transformados em laboratórios. A tarefa intelectual e reflexiva, na vida contemporânea, multifacetada e marcada por novas incertezas, incentivou-os a desconfiar e refletir sobre o papel social, enquanto sujeitos, e a compreender as forças e jogos sociais.

O mais cabal foi notar como os estudantes, aos poucos, diante da tarefa de coletar dados e criar hipóteses, foram desconstruindo a imagem de uma ciência

distante e inalcançável, restrita a determinados grupos, personificados por pessoas de guarda-pós brancos e intelectuais barbudos.

Pensar a ciência como atividade prática e possível, ainda que orientados por pilares e paradigmas teóricos, empoderou as turmas, favoreceu que refletissem e participassem das aulas, não como espectadores, mas como desconfiados formuladores de hipóteses.

Outro ponto verificado diz respeito à forma de realizar a atividade de pesquisa. Nos trabalhos escritos entregues pelas equipes, apesar de conter sítios de blogs não referenciados, alguns já indicavam a leitura de artigos de revistas científicas e museus.

A tarefa de transcrever o entendimento nos trabalhos escritos foi uma tarefa mais árdua e precisou de orientação no turno oposto. Os rascunhos apresentados traziam cópias de textos e apropriação de conceitos sem referenciar as fontes. Foi preciso orientações por equipe para exercitar a tarefa de se apropriar e modelar o conceito, além de realizar as devidas citações. Essa etapa demandou longas correções e reescritas, porém minimizou o hábito negativo estimulado pelo fácil acesso às fontes de *internet*: a conhecida tarefa de “copiar e colar”. A prática foi veementemente desconstruída.

A iniciação da escrita científica, que perpassa a sustentação em pressupostos teóricos, foi acrescida de orientações técnicas. A redação em terceira pessoa, as citações e referências, a organização e capitulação das ideias, o objetivo da introdução e da conclusão, entre outras, foram apresentadas e moduladas como desafio e compromisso de serem aprimorados ao longo do curso.

Apesar da proposta não ser de confeccionar um artigo científico, ainda no primeiro ano do curso, todas as equipes quiseram acrescentar a natureza do trabalho e algumas arriscaram fazer sumário, e também o resumo em língua estrangeira (nesses casos solicitaram o apoio dos professores de língua estrangeira).

Na presente experiência, a ciência serviu como um encantamento aos estudantes ingressos. Os primeiros contatos com a disciplina desnudaram estereótipos que rechaçavam a sociologia como disciplina extremamente teórica e maçante.

Propiciou à disciplina ocupar um patamar vigilante e reflexivo. Apresentar a sociologia como uma disciplina pautada na prática científica, na observação e coleta de dados - qualitativos e quantitativos -, e herdeira do ideal Iluminista, revelou-se um aporte atraente e favorável.

Conforme orienta Giddens (2005, 34), a prática sociológica, iniciada pelo viés científico, contribui na análise e na compreensão das relações sociais, instrumentando os estudantes e serem protagonistas na vida social, capacitando-os a edificar um futuro de mudanças.

REFERÊNCIA

BRASIL. Lei 11.684, de 2 de junho de 2008. Disponível em: <http://swww.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm#art1>. Acesso em: 28 maio 2015.

BRASIL. Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm>. Acesso em: 28 maio 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília, DF: Secretaria da Educação Básica, 2013. 542 p.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: Ciências Humanas e Suas Tecnologias. Brasília, DF: Secretaria da Educação Básica, [s.d] 104 p.

CHALMERS. Alan. **A fabricação da ciência**. São Paulo: Ed. UNESP. 1994. 185p.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed. 2005. 600p.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=291800&search=bahia|jequie|infograficos:-informacoes-completas>>. Acesso em: 14 maio 2015.

JEQUIÉ. Portal da Prefeitura Municipal de Jequié. Disponível em: <<http://www.jequie.ba.gov.br/index.php?page=paginas&id=1>>. Acesso em: 14 maio 2015.

LIRA-DA-SILVA, Rejane Maria; SMANIA-MARQUES. Roberta. **Criatividade, Criativismo e Alfabetização Científica**. Salvador: Venture Gráfica e Editora LTDA. 2005. 134 p.

MORAES, Amaury César. **Sociologia: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 304p.

MILLS, C. Wright. **A Imaginação Sociológica**. 4^o ed. Rio de Janeiro: Zahar. 1975. 246p.

MORIN, Edgar. **É preciso ensinar a compreensão humana**: entrevista. 05 março 2015. São Paulo: Fronteiras do Pensamento. Entrevista concedida a

Programa Milênio. Disponível em: < <http://www.fronteiras.com/entrevistas/edgar-morin-compreensao-humana>>. Acesso em 14 maio 2015.

Projeto Político Institucional do IFBA. Disponível em: <<http://portal.ifba.edu.br/portal-do-servidor/pro-reitoria-de-ensino-divulga-i-projeto-pedagogico-institucional.html>>. Acesso em: 14 maio 2015.

Perfil de estudantes

O objetivo deste questionário é tecermos um perfil das turmas de egresso nos cursos integrados do IFBA campus Jequié no ano de 2015. As respostas são individuais e não identificadas. Todas as questões são obrigatórias. Observe que em algumas questões é possível selecionar mais de uma opção como resposta.

***Obrigatório**

1. Qual seu curso? *

Marcar apenas uma oval.

- Eletromecânica
 Informática

2. Qual seu sexo? *

Marcar apenas uma oval.

- Feminino
 Masculino

3. Qual sua idade? *

Marcar apenas uma oval.

- 15 anos ou menos
 entre 16 e 18 anos
 entre 19 e 21 anos
 22 anos ou mais

4. Você mora em Jequié?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

5. Considerando que mora em Jequié, especifique o bairro.

6. Você mora com (pode escolher mais de uma opção): *

Marque todas que se aplicam.

- Pais
 irmão, irmã, irmãos ou irmãs
 avós
 sozinho(a)
 com colegas
 outros parentes
 Outro: _____

7. Qual meio de transporte utiliza para ir ao instituto? *

Marcar apenas uma oval.

- transporte coletivo
- automóvel próprio
- Moto taxi
- a pé
- bicicleta
- Outro: _____

8. Quantas horas dedica ao estudo diariamente? *

Marcar apenas uma oval.

- Pelo menos 1 hora
- 2 a 3 horas diária
- 4 horas ou mais
- nem sempre eu estudo
- outros
- Outro: _____

9. Você conclui o 9º ano do ensino fundamental em: *

Marque todas que se aplicam.

- Instituição particular
- Instituição pública
- Outro: _____

10. Como você realiza uma pesquisa científica? *

Marque todas que se aplicam.

- Consulto em livros e outras fontes que tenho em casa
- Consulto em livros e outras fontes em bibliotecas públicas
- Consulto em sites através da internet
- Outro: _____

11. Em sua opinião qual ou quais assertivas definem o conceito de Ciência: *

Marque todas que se aplicam.

- Diz respeito ao conjunto de conhecimento da Biologia, Física e Química.
- Diz respeito ao conjunto de métodos e conhecimentos das diversas áreas das ciências exatas (matemática), naturais (biologia, química, geologia, entre outras) e sociais (história, sociologia, economia entre outras)
- Diz respeito ao processo histórico de aplicação de ideias e ações que auxiliam a humanidade na descoberta e domínio da natureza.
- Diz respeito ao conjunto de conhecimentos organizados sobre causa e efeito obtido através do estudo objetivo de fenômenos.
- Diz respeito ao conjunto de informações adquiridas através da observação, introspecção e experiência.

12. Ainda sobre Ciência: *

Marque todas que se aplicam.

- Os países que não investem em ciência nem sempre conseguem se sobressair nos avanços em relação aos outros.
 - Os conhecimentos científicos podem ser aplicáveis à produção e melhoria de bens e serviços.
 - Os resultados das pesquisas científicas nem sempre são utilizados para o bem da humanidade.
 - Os investimentos por parte do Estado em pesquisas científicas são irrelevantes para o crescimento da ciência.
 - Os conhecimentos científicos geralmente colaboram para o avanço da humanidade.
-

Powered by

